

EU, ESTUDANTE

No mês do nascimento do patrono da educação brasileira, conheça a história do Cepafre, projeto comunitário que há 36 anos rompe barreiras de analfabetismo, preconceito e invisibilidade social

Paulo Freire está vivo em Ceilândia

» AMANDA S. FEITOZA

Hoje, o educador Paulo Freire completaria 104 anos. Embora tenha partido em 1997, seu pensamento e sua prática seguem vivos, não apenas nos livros, mas em ações concretas, como a do Centro de Educação Paulo Freire (Cepafre), em Ceilândia. Inspirado em sua pedagogia, o projeto completou 36 anos no início deste mês e alfabetizou mais de 16 mil pessoas em uma das regiões mais vulneráveis do Distrito Federal.

Fundado em 1986, antes mesmo de existir a nomenclatura “Educação de Jovens e Adultos” (EJA), o Cepafre surgiu como o “Núcleo Paulo Freire de Alfabetização de Adultos”, criado por alunos do mestrado em Educação da Universidade de Brasília (UnB). Desde o início, teve como base a metodologia freiriana: a educação como um ato de diálogo, conscientização e transformação social. Desde então, a parceria com a universidade continua até os dias de hoje. Madalena Torres, liderança histórica do projeto, compartilha que já no início do projeto, 1.182 jovens e adultos foram ensinados a ler e escrever. Mas, logo tiveram que lidar com a extinção de órgãos educadores importantes. “Após o governo Collor extinguir a Fundação Educar e o Projeto Rondon, as instituições ficaram desamparadas. Os estudantes pararam de participar por falta de recursos e incentivo”, ressalta ela.

Madalena, professora aposentada, destaca que ainda há cerca de 9 milhões de pessoas não alfabetizadas no Brasil, e muitas delas estão nas periferias do DF. Trata-se de um dado alarmante, que, segundo ela, poderia ser ainda maior. Ela afirma que, até 2015, havia um quadro informativo com estatísticas de quantas pessoas sabiam ler e escrever na região de Ceilândia e

Cedido ao Correio



Turma de alfabetização. O centro formou mais de 16 mil pessoas

Sol Nascente. No entanto, atualmente, a população e os educadores não têm mais acesso a esses dados de forma clara e acessível como antes.

Pedro Lacerda, atual presidente do Cepafre, explica que a abordagem para captar estudantes é cautelosa. “Ser analfabeto carrega um estigma. A abordagem tem que ser diferente: é uma conquista. Tem que chegar perguntando ‘alguém conhece alguém que não teve a oportunidade de estudar quando jovem’, ao em vez de falar ‘você é analfabeto?’”, diz Pedro.

Além da estigmatização, há ainda a barreira da autoestima. “Quem não foi alfabetizado quando criança, tem uma baixa autoestima. Eles acreditam que não conseguem aprender, mas isso não é real, adaptamos as coisas e vamos atrás para que seja algo efetivo”, explica o educador. Quando conseguem formar turmas e atrair o público-alvo, é uma vitória. Para quem trabalha dentro da organização compreendem que existem muitas razões pelas quais o estudante não estaria ali,

mas muitos escolhem — e os educadores reconhecem o grande esforço.

Vulneráveis

E por isso também, a importância do projeto. Como o Pedro Lacerda disse: “O Cepafre está onde o Estado não chega. Funciona lá no Sol Nascente, onde está o trabalhador e as pessoas mais vulneráveis da nossa sociedade.”

A iniciativa é permeada por dificuldades — tanto para captar os jovens, adultos, idosos e trabalhadores, mas também para mantê-los. Segundo o presidente, a grande maioria do público é composta por mulheres negras, com mais de 50 anos, que são mães, avós e, muitas vezes, se atrasam para as aulas — isso quando não deixam de ir — pela sobrecarga das atividades domésticas, trabalho e até mesmo por insegurança na região. “Mesmo que a turma seja próxima a casa, elas precisam deixar tudo pronto para poderem ir para aula”, destaca.

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Madalena Torres e quadro de Paulo Freire: resgate da cidadania

Hoje em dia, a organização não se limita a educar somente jovens e adultos. Eles também letraram idosos e educadores populares. “A grande beleza do Cepafre, é fazer uma atuação freiriana, uma educação libertadora, crítica, prezando a questão do coletivo. É só somos o que somos porque somos um coletivo de voluntários, associados, professores e educadores”, diz Madalena, orgulhosa.

A cuidadora de idosos, Maria Lucimar Ferreira do Nascimento Carvalho, de 59 anos, participou do projeto em 2019, quando ainda trabalhava na área de serviços gerais. Ela conta que a chefe dela na empresa a incentivou a voltar a estudar, pois ela não sabia ler e escrever. Um dia, ao voltar do trabalho para casa, passou em frente à casa de um antigo professor, Goete de Borghonha. “Peguei o número dele e liguei. Perguntei quanto seria para me alfabetizar. Ele falou que não cobraria nada, tudo só dependia de mim”, relata.

“Retornei à casa dele à noite. Chegando lá, ele me deu um

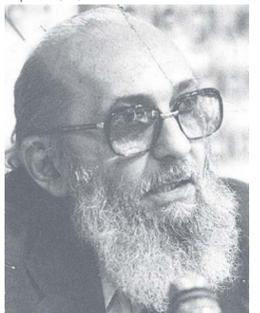
caderno e caneta, e sentamos em uma mesa. Nessa época a gente estudava na área da casa do próprio professor. Foi lá que eu aprendi a ler e a escrever”, conta. “É uma gratificação enorme. É um orgulho, é uma sensação de alegria, de vitória. Porque foi lá onde tive essa oportunidade, onde comecei e aprendi a ler e escrever. Foram os meus primeiros passos para dar continuidade aos meus estudos”, diz com emoção.

Após o projeto, Maria afirma que sua vida mudou completamente. Além de aprender a ler e escrever, a cuidadora de idosos também aprendeu como se comunicar melhor. Mas, para além disso, passar pelo Cepafre trouxe uma nova oportunidade de carreira para ela: hoje, ela está cursando fisioterapia. “Estou em uma sala de faculdade.”

Atualmente, a ação está com oito turmas de alfabetização em curso em parceria com a Secretaria de Cultura e Economia Criativa.

Ícone

Arquivo CB/CB/D.A.Press



Quem foi Paulo Freire?

Paulo Freire (1921–1997) foi um educador e filósofo pernambucano, considerado um dos maiores pensadores da pedagogia mundial. Seu livro mais famoso, *Pedagogia do Oprimido*, é uma das obras mais citadas das ciências humanas.

Ele defendia uma educação libertadora, dialógica e crítica, centrada na realidade do aluno e na valorização do saber popular. Ao invés de tratar os alunos como recipientes vazios a serem preenchidos, propunha uma aprendizagem baseada no diálogo, no respeito e na construção conjunta do conhecimento.

Foi perseguido pela ditadura militar e exilado por mais de uma década. Ao retornar ao Brasil, deixou um legado de práticas pedagógicas voltadas à alfabetização de adultos, à inclusão e à justiça social. Seu método ainda é referência em diversas partes do mundo.

ESCOLHA A ESCOLA DO SEU FILHO 2025

A edição 2025 do projeto Escolha a Escola do seu Filho já está disponível no Correio Braziliense — nas bancas e também no formato digital.

Acesse o site especial e confira conteúdos exclusivos pensados para ajudar você a fazer uma escolha consciente sobre a educação dos seus filhos:

- Reportagens especiais
- Entrevistas com instituições de ensino
- Vídeos inspiradores
- Tendências do ensino no DF

Informação transforma. Educação é uma escolha que começa agora.

Aponte a câmera para o QR Code e confira tudo em primeira mão:

Patrocínio

Apoio

Apoio de Comunicação

Realização